

## A LÍNGUA DAS "SEXTILHAS DE FREI ANTÃO"

Gladstone Chaves de Melo  
UFF

As "Sextilhas de Frei Antão" figuram nos *Segundos Cantos* do poeta Gonçalves Dias (1823-1864). Constituem uma série de poemas autônomos (em relação à primeira parte do livro), encadeados pelo assunto e pelo "estilo". São cinco os poemas, que totalizam 2430 versos heptassílabos, com acentuação interna vária: "Loa da Princesa Sancta", "Gulnare e Mustaphá", "Lenda de Sam Gonçalo", "Soláo do Senhor Rey Dom João", "Soláo de Gonçalo Hermíguez".

Não vale a pena recordar aqui a informação do grande amigo e biógrafo do poeta, Antônio Henriques Leal, de que as "Sextilhas" foram escritas em quinze dias de janeiro de 47, para contestar e esmagar os censores do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, que teriam visto no drama *Beatriz Cenci* "mil defeitos de gramática e galicismos imperdoáveis". Realmente, como mostrou Lúcia Miguel Pereira, não foi por mal escrita mas por imoral que se recusou a peça. Além disso, o poeta, em cartas a Teófilo Leal, deixa ver que está ocupado com a redação das "Sextilhas" pelo menos de janeiro a agosto de 1847.

Se não adianta muito recordar a lenda e desfazê-la, é sem dúvida muito útil trazer para aqui a "interpretação autêntica", isto é, ouvir o que das "Sextilhas de Frei Antão" diz Gonçalves Dias:

"A segunda parte é um ensaio filológico, – são sextilhas, em que adotei por meus a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estilo liso e fácil que não desagradasse aos ouvidos de hoje, e dar ao pensamento a cor forte e carregada daqueles tempos, em que a fé e a valentia eram as duas virtudes cardeais, ou antes as únicas virtudes. Coloquei-me no meio daquelas épocas de crenças rígidas e profundas – talvez de fanatismo – e esforcei-me por simplificar o meu pensamento, por sentir como sentiam os homens de então, e por exprimi-los na linguagem que melhor os pode traduzir – a dos Trovadores – linguagem simples mas severa, – rimada mas fácil, – harmoniosa e valente sem ser campanuda, nem guindada. Variei o ritmo das sextilhas para que não cansasse; quis ver enfim que robustez e concisão havia nessa linguagem semi-culta, que por vezes nos parece dura e mal soante, e estreitar ainda mais, se for possível, as duas literaturas – Brasileira e Portuguesa – que hão de ser duas, mas semelhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajam os mesmos vestidos, – embora os trajem por diversa maneira, com diverso gosto, com outro porte, e graça diferente."

(Do "Prólogo" dos *Segundos Cantos*)

Será, pois, a língua arcaica e da feição primeira, a das cantigas, inexplicavelmente conhecidas pelo poeta?<sup>1</sup> Talvez não o seja, apesar de tão enfática declaração. Porque outra coisa, mui diversa, diz o autor, em longa nota explicativa da "Loa da Princeza Sancta": "Figuro terem sido compostos estes cantos na primeira metade do século XVII: por isso aludo freqüentemente ao domínio dos Filipes em Portugal. (...) Escusado é dizer que deveria ter sido Frei Antão dos mais teimosos macróbios que nunca existiram, para ser ainda em vida por aquele tempo. Não se sabe de quando foi da sua morte; mas dele diz Frei Luís de Sousa que em 1490 já era muito velho, e tinha administrado grandes cargos na Ordem de S. Domingos, a que pertenceu." (p. 390 da ed. de M. Bandeira)

Desdê logo, pois, um grande descompasso no tempo. Vamos ver o gritante anacronismo que perpassa o texto, de ponta a ponta.

E não só: Frei Antão é vidente profético, uma vez que manda o leitor contemplar o convento e palácio de Mafra (p. 374). Ora, todos sabemos que ele foi construído por D. João V, entre 1717 e 1730.

E mais prasmão dos feitos  
De pedra, que Memphis tem,  
Sem ter olhos pera Mafra,  
Pera Batalha ou Belém!

Longe de mim querer menoscar a Gonçalves Dias como escritor. Muito ao contrário disto, considero-o um dos mais perfeitos maneжadores da língua portuguesa, exímio versejador, grande poeta. Apenas, não se sabe bem porque, resolveu empreender um "ensaio filológico", sem ter condições para isso. Nem ele as teve, nem nenhum contemporâneo as poderia ter.

Só mais tarde é que se conheceram devidamente as antigas composições poéticas, e só muito mais tarde vieram as primeiras sistematizações dos caracteres diferenciais da língua arcaica.

O resultado foi que GD ficou a meio caminho, entre a língua arcaica e a moderna, intencionalmente a seiscentista. Mistura a fonologia, a morfologia, a sintaxe e o vocabulário, muitas vezes na mesma estância, quando não no mesmo verso.

Não sou eu o primeiro em estudar lingüisticamente as "Sextilhas de Frei Antão". Fora os admiradores néscios, que se embasbacaram ante a obra, reveladora de "profundo conhecimento de Português" – e estes não vêm ao meu caso – só tenho conhecimento de uma crítica séria, feita por Cândido Jucá (filho) e apresentada como tese ao Segundo Congresso das Academias de Letras, "A linguagem das Sextilhas de Frei Antão" (in *Anais do Segundo...*, Rio de Janeiro, 1939, p. 137-143).

Como neste meu trabalho sigo linha diversa e trato a matéria com outro método e numa visão mais global, penso que ele tem cabida, tanto mais quanto a dissertação de Jucá se tornou quase inacessível, ausente que está de quase todas as bibliotecas públicas.

Minhas citações se reportam à excelente edição crítica de Manuel Bandeira (*Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias*. Organização, apuração do texto, cronologia e notas por... 2 tomos, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944), ainda não superada, porque a da Aguilar, bastante posterior e organizada por Antônio Houaiss, infelizmente está cheia de erros e acidentes tipográficos. Logo na segunda linha, um verso de Goethe, tomado como epígrafe, está sem o substantivo **Laub**, o que torna ininteligível a frase e quebrado o decassílabo: "Im dunkeln **Laub** die Gold-Orange glühn".

Passemos, pois, às observações e comentários que me pareceram convenientes e bastantes para fundamentar a conclusão.

### 1.

Começemos por uma de caráter geral, e é que todas as vezes que usa o artigo indefinido emprega o autor a forma atual **uma**

Ora, a língua arcaica só conhece **ũa**, hiato com /u/ nasal, resultado da queda, ainda recente, do /n/ intervocálico. Só muito mais tarde é que se vai desentranhar desse /u/ nasalado a consoante bilabial homorgânica /m/, desfazedora do hiato. A escrita do tempo do suposto Frei Antão, 1640, geralmente não documenta a forma evoluída, que, no entanto, já devia ser corrente na fala de todos. Na *Vida do Arcebispo*, de Frei Luís de Sousa, 1619, se bem notei, só ocorre **ũa**, **algũa**, **nenhũa**; igualmente em *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo, do mesmo ano. No primeiro volume dos *Sermões* de Vieira, 1679, predomina absolutamente a forma antiga, mas ocorre aqui e ali a moderna, até a pequeníssima distância uma da outra:

... se contente Deus e o seu Vigário com que  
vos ponhais de joelhos **numa** igreja; respondi-me  
a **ũa** pergunta: (col. 1018)

No segundo volume, 1682, já é bastante freqüente **uma**, às vezes em curiosa competência:

Vamos ponderando **uma por uia** as mesmas  
palavras da tentação. (p. 61)

...de **ũa** parte está a alma, da outra  
o mundo; de **uma** parte está o temporal,  
da outra o eterno; de **uma** parte está a  
verdade, da outra a vaidade. (p. 63)

Nas *Sextilhas*, que ora seriam do século XIII, ora da primeira metade do século XVII, só se encontra **uma, alguma, nenhuma**, como se vê, para exemplificar, das páginas 438, 442, 445, 458, 460, 463, 466, 477 e **passim**.

## 2.

### Utilização de formas sem respaldo nos velhos textos

Mais de uma vez Gonçalves Dias, talvez como "licença poética", emprega formas que não figuram nem podiam figurar em textos do século XIII e que dificilmente ocorreriam na linguagem poética seiscentista. Sirva de exemplo **discíp'lo** (p. 461), **escând'lo** (p. 392), **c'roou** (462), **c'roa** (423), **p'rigo** (459), **of'rece** (416, 431).

Estes dois últimos pedem um comentário. Sabemos que o escurecimento dos /e e/ pretônicos só se ultimou, **em Portugal**, na segunda metade do século XVIII, razão por que todas as pronúncias do Brasil mantêm a forma plena. Mas, não obstante, já encontrei, pelo menos uma vez, em autor quinhentista a forma sincopada **ofrecer**, o que poderia ser acidente tipográfico. Já não o será na dedicatória do retrato de Camões, supostamente de Goa, 1581, "**ofresido** ou rey", porque aí está desenhado à mão. Deve representar uma pronúncia. Mas de quando, uma vez que dito retrato é hoje considerado sem valor, uma das muitas fraudes em que eram férteis os antigos?

**Enleiado**, que aparece, por exemplo, nas ps. 384 e 428, nunca existiu na língua. **Enleio**, sim, e análogas podem figurar em textos seiscentistas, como já aparecem nos próprios quinhentistas. O desfazimento do hiato, por dupla ditongação, deve ter-se dado no fim do quatrocentos, mas a grafia é avara em documentá-lo, como adiante se verá.

Gonçalves Dias emprega as formas medievais **lo** e **no** do pronome da terceira pessoa em situações em que elas não podem ocorrer, porque não estão pospostas a consoante final assimilada. É o caso de "Quando o rei **tinha-los** juntos" (368), ou de

E mercês também fasião,  
No dia do seo triunfo,  
**A los** que justas pedião. (p. 385)

No primeiro exemplo se pode estranhar a ênclise do pronome-objeto em oração subordinada, possível mas não provável em texto do décimo terceiro ou do dezessete.

**Muezzin** (p. 420) não ocorreria em texto arcaico ou clássico. A palavra nos vem do francês, onde é empréstimo ao turco, que, por sua vez, o adaptou do árabe **muadhham**. Acrescentando-se aí, como é normal, o artigo, teríamos que a melhor forma portuguesa seria **almoedão**, empregada por Zurara na *Crônica da Tomada de Ceuta*, a par de **almoadão** (ou **almoádão**?), que aparece na *Crônica de D. Pedro*. **Meizin**, que denota influência de Além-Pirineus (cf. **maizin**, doc. em 1568, segundo Bloch-Wartburg), aparece como **hápax** no *Itinerário* de Frei Gaspar de S. Bernardino,

sinonimizado com "telismano", não pode justificar a preferência gonçalvina, evidente empréstimo do francês novecentista. Herculano fugiu a ele e empregou sistematicamente **almuadém**.

Não percebo onde o grande poeta foi fisgar a palavra **comemoração**:

Vivemos de lembrança  
E em longas fallas fasemos  
De tudo commemoração. (p. 374)

Diz ele (p. 390) que as palavras que emprega nas *Sextilhas* se acham todas no Dicionário de Morais. Em vão busquei esta lá, bem como no Aulete (que GD não conheceu), e não me lembra jamais ter dado de cara com esta variante de **comemoração**, transplante vernáculo do ciceroniano **commemoratio**.

Aliás, não é só neste caso que o Morais de 1813 não abona Gonçalves Dias: também **confessional**, por **confessionário**, prima pela ausência no famoso léxico. Nunca vi a palavra em bom autor português ou brasileiro. Conheço-a do italiano e do francês, onde, creio, nosso poeta, distraído, foi buscá-la, para escrever isto:

Té os moços que as namorão  
Dirão no **confessional**,  
Jurando por Deos eterno  
E pola vida eternal,  
Que se fallão delle e della,  
É puro aleive e não al. (p. 480)

Na mesma página vem **bestunto**, que Morais registra, sim, mas como termo chulo, e que nos parece criação posterior ao século XVII. J.P. Machado aponta um exemplo de Garção, 1778.

### 3.

#### Convivência de inconvidentes

Este é um comprido parágrafo, que dividiremos em alíneas, onde arrolaremos casos de utilização, por parte de Gonçalves Dias, de formas representativas de épocas diversas e distantes uma da outra.

- a) Começaremos pela utilização de formas verbais com /d/ intervocálico, na segunda pessoa do plural, como **amades** ou **corredes**.

Todos hoje sabemos que este é um dos casos em que a evolução continuou, porque o -d- resultante de -t- veio a desaparecer, quando se manteve numa infinidade de outras palavras, como vida, miúdo, fado, lide, etc., etc.

Na língua moderna só se conservou o **-d-** nas formas correspondentes a infinitivos monossilábicos e naquelas – é óbvio – em que o /d/ vinha precedido de consoante ou de ressonância nasal, o que vem a dar no mesmo, porque na passagem da vogal nasal para a consoante dental se forma necessariamente um /n/ incoativo (digamos assim).

A seqüência **amatis > amades > amaes > amais** constitui cadeia evolutiva e, portanto, a forma posterior anula a anterior, melhor, só vinga com o desaparecimento da primeira, depois de um período mais ou menos longo de hesitação.

A propósito deste caso vale a pena observar que o castelhano dos nossos dias, sobretudo na América, está perdendo o /d/ intervocálico no final **-ado**, cada vez mais pronunciado **ao**.

Pois bem: Gonçalves Dias faz o seu frade escrever quase sempre **amais**, **correis**, **vestis**, como é normal na primeira metade do século XVII, mas por vezes lhe põe no bico da pena **havedes** (400, 423), **tenhades** (419), **ficades** (435), **havedes** (472; e linhas abaixo, na boca do mesmo falante interveniente, **conheceis**), **casade-os** (404), formas correntias no século XIII.

- b) A sintaxe dos poemas é sempre moderna, de sabor clássico, por vezes de tom popular, aliás ajudado pela constância do metro escolhido, o heptassílabo. Mas, de quando em quando, aparece um arcaísmo, como o pleonasma da negação pré-verbal: "jamais não vi" (418; coerentemente de vera ser **non**), "ninguém me não conheceu" (472), "jamais não foi esse o estilo" (476); "nada não soube dizer" (401).
- c) Alternância dos ditongos **ou** e **oi**.

Ninguém ignora que, a partir do século XVI, começam a alternar estes dois ditongos, ou, mais exatamente, surgiram formas em **oi** ao lado das etimológicas em **ou** e, muito mais raro, formas em **ou** a conviver com as antigas em **oi**, como é o caso de **Douro**, que, por fim, quase suplantou a anterior **Doiro**, normal continuadora do latim **Duriu**.

Chama a atenção que Gil Vicente ponha seus judeus a empregar sistematicamente formas em **oi**, que destoam das correntes em **ou**. Isto levou alguém a levantar a hipótese de influência de cristãos-novos e velhos na quase súbita mudança. Impossível aceitar isto, porque os judeus representavam pequeníssima parcela, estavam concentrados em determinados sítios e não tinham condição de se fazerem ouvidos e imitados. A ser autêntico o retrato que lhes faz o genial dramaturgo (e deve ser, porque ele era excelente observador de modismos), a conclusão prudente só pode ser que os semitas acolheram rápido a inovação e fizeram dela, exagerada e generalizada, um traço idiolético.

Nunca me apliquei a estudo especial do caso, mas tenho forte impressão de que os grandes autores resistiram ao sincretismo, o que me faz supor neles conotação de vulgaridade nas formas em **oi**. Por exemplo, em *Camões*, *Lusíadas*, só encontro **ouro**, **tesouro**, **cousa**, (43 vezes), **doudo**, **touro**, **dous**, **mouro** (87 vezes), **louro**, e por aí.

Certo é, pois, que não havia oscilação no século XIII e que no dezessete era ainda discreta a presença de variantes em *oi*. Não obstante, outro foi o caminho trilhado por "Frei Antão", que sobrecarregou seu texto com a novidade e até fez disso matéria de apuro estilístico, empregando ambas as formas em oposição próxima.

Aqui vão algumas anotações: **moiro** (376, 422, 427, 428, 492, 493, 496), **repoisavam** (373), **oiro** (380), **doirado** (474), **loiro** (487), **dois** (487), **coisa** (382, 404, 405, 408, 409, 423, 440, 461, 463, 479...; não anotei uma só ocorrência de **cousa**), **moirama** (427). Aparente jogo de estilo:

Devião ser finas bruxas,  
 Inda que' eram bem meninas,  
 Que estas **moiras** da **mourama**  
 Nascem já bruxas cadimas! (p. 376)  
 ...E que então a moça **moira**,  
 E mais o **mouro** donzel  
 Parassem no fundo inferno,  
 Provassem, como eu, seo fel. (p. 428)

d) Infinitivo flexionado referido ao objeto direto

Esta construção é tardia e, ainda assim, muito rara na língua clássica. A norma é a que se desprende, por exemplo, desta seqüência vicentina (fala Maio):

e, por me desenfadar,  
 farei os asnos zurrar  
 e cantar os roussinóis.  
 E farei calar as rãs  
 de noite, e cantar os grilos  
 e as patas pelas manhãs...  
 e florecer os pampilos.

(*Compilaçam*, 1562, f. 242v)

Só no Romantismo é que se vai tornar freqüente a flexão do infinitivo. Herculano quase sempre a emprega com belo efeito estilístico, como neste passo, em que concorrem as duas formas:

e, alongando a vista pelo portal  
 do recinto, viu **alvejar** os turbantes, e, depois, **surgirem** rostos  
 tostados e depois, **reluzirem** armas."

(*Eurico* 34, Lisboa-Rio, p. 244)

Estranhos, pois, seriam à língua dos Cancioneiros e excepcionais na da primeira metade do século XVII estes dois passos das *Sextilhas*:

Velhos guerreiros vi eu  
**Chorarem** também aly. (p. 387)

Antes que eu veja crianças  
**Pregarem** às cans nevadas,  
 A correr de noite as ruas  
 Com folias e toadas, (p. 436)

- e) Esta transcrição me dá passagem para outra nota. Aí está, no último verso, o chamado infinitivo gerundial, que surge muito tímido no seiscentismo e só vai ganhar força na segunda metade do século passado. Fisquei-lhe uma possível ocorrência na *Carta* de Pero Vaz de Caminha, numa passagem muito ambígua. Até hoje só tomei consciência de dois exemplos em Vieira e dois em Bernardes. Claro que haverá mais, porém se, procurando, não dei com a construção em quinhentistas e só topei com estas em seiscentistas, é porque neles é rara ou raríssima.

Hoje ela se generalizou em Portugal (menos no Alentejo) e no Brasil tem valor estilístico, pela excepcionalidade e pelo tom de "apurado" que traz. Aqui realmente mantivemos a imemorial e ininterrupta tradição da língua. Dizemos sempre como Camões:

... Os olhos, porque as mãos lhe **estava atando**  
 Um dos duros ministros rigurosos.  
 (Lus. III, 125)

Um dia que **pregando** ao povo **estava**,  
 Fingiram entre a gente um arroído:  
 (Ibid. X, 117)

Dá já se vê que toa falso o "discurso" de Frei Antão (sobretudo o "medieval"), quando diz "a correr" (= correndo: p. 436), e quando nisso insiste, na p. 488:

Mas talvez dos cavos olhos  
 Polas faces **a correr**  
 Sinta o pranto represado  
 Pelo seo muito soffrer:

ou na página seguinte:

Horas de noite folgada  
 Não tardão, não têm vagar:  
 A noite assi do Bautista  
 Vai serena **a escorregar**.  
 Como areia da ampulheta,  
 Um grão e outro **a tombar!**

ou ainda, em 492:

Allah nos valha, mofinas!  
Dizem moiras a chorar.

- f) *Catagoremas* (para dizer como Herculano de Carvalho) próprios da língua arcaica, mas impróprios na seiscentista.

É abundante a exemplificação e freqüentíssima a ocorrência. Para documentar, de leve e sem nexos:

**ende** (437), **porende** (457), **tôdalas** (468), **per i** (393), **porém** (= por isso), **nulla rem** (395), **entonces** (404), **perol** (426), **al** (392).

- g) Um galicismo sintático do final do século XVIII.

Refiro-me ao emprego de **mesmo** com valor adverbial (em lugar de **ainda**, **até**), construção que os puristas condenaram e que hoje é tão comum, sobretudo nos que perderam o senso da vernaculidade. Curioso é que Gonçalves Dias misturou o galicismo setecentista com uma forma arcaica:

Agora torno ao meu Sancto;  
A lenda aqui principia:  
Dai-me, ó Sancto milagroso,  
Ajuda em tençam tão pia,  
Que um Sancto, **mesmo por ende**,  
Deve de usar cortezia. (p. 437)

- h) Vocábulos inventados?

"Frei Antão" de vez em quando emprega formas que a mim me parecem inventadas. Nunca dei com elas em nenhum texto, e a clássica pergunta aos dicionários não me acudiu à dúvida nem me tirou da ignorância.

Seja exemplo **disfraz**, que o "frade" usa pelo menos duas vezes (444, 467) com sentido de **disfarce**. O Moraes de 1813, que ele diz ser seu constante e indefectível abonador (p. 390), não registra a palavra, senão apenas a forma metatética **disfrace**, apoiando-se em Luís de Sousa.

**Bondadoso** existe teoricamente, mas terá existido realmente? Aulete o consigna, com a nota de "pouco usado" e não alega nenhum exemplo. Moraes é omissivo, e eu nunca me lembra ter topado com semelhante vocábulo pleno. Pergunto: teria alguém algum dia falado ou escrito **semi-mínima**, nota musical, ou **trágico-cômico**, ou **saudadoso**, ou **Candidinha**?

**Desly** (428, 431, 484, 491), suposta forma arcaica por **desde ali**, nunca me passou sob os olhos, nem a encontro em nenhum glossário da língua medieval. Conhecemos todos, é claro, **desi**, **desno**, **desna**. No *Graal* ocorre **des ali**, a significar "dali em diante": "assim houve nome des ali" (cf. Magne, *Glos.*, 1944, s.u. **dês**).

**Tôdolo** (p. 439) nunca existiu, nem podia ter existido, porque a manutenção do /l/ de **lo** só é possível pela assimilação de consoante anterior, como acontece no plural **tôdolos**, resultante de **todos os**. Aliás, o contexto é realmente mau, já que aparece nele a forma **proe** (lat. **prode**, deduzido de **prodest**) usada num significado muito estranho, "bens", "haveres". Só conheço a palavra como "vantagem", "lucro", "proveito", sentido ainda vivo (embora não percebido pelo homem da rua) na locução "em prol de".

Vejam como se expressou o "frade" panegirista de São Gonçalo:

Todo lo prée dava aos pobres  
Com tam largo coração,  
Que não tomava um adarme  
De quanto tinha na mão. (p. 439)

i) Larga mistura de **-ea**, **-eo**, **-eia**, **-eio**.

O hiato formado de /e/ tônico mais /a/ ou /o/ normalmente resulta da perda de uma consoante débil intervocálica. Não durou muito, pois na aurora da língua moderna se resolveu em dois ditongos, um decrescente, outro crescente – ey+ya.

Os textos, até o fim do século XVII, documentam-nos formas literais com hiato; mas a presença de grafias com **i** ou com **y** força-nos a concluir o que acima dissemos, isto é, a progressiva ditongação certamente a partir da primeira metade do século XVI. Baste-nos observar que a palavra **alheio** *n'Os Lusíadas* aparece assim escrita 9 vezes, 6 vezes como **alheyo** e outras tantas como **alheo**. Tomando-se outra palavra qualquer, já será bem diferente a proporção, ou até só teremos escrita com hiato, como é o caso das 11 ocorrências de **area**.

Mudando-se o autor, ou mudando-se o gênero, ou mudando-se a tipografia, os resultados da pesquisa se diversificam muito. Poder-se-á encontrar número maior de hiatos literais num prosador do século XVII do que no texto épico camoniano. O que, porém, nunca se nos deparará em autor da primeira metade do dezesete é a quase sistemática escrita atual, como vemos nas *Sextilhas*. Se tivéssemos diante de nós um discurso contemporâneo dos Cancioneiros, aí nem pensar em ditongos. Em todo caso, são impossíveis os **i**, **porende**, **perol**, **entonces**, **havedes**, **sembrar**, **coyta**, **chantar**, **leixar**, **liança**, e **feito** (467, 478), **campeia**, **arreceia**, (485), **altea**, **cheio** e similares (**passim**).

Por fim e para mais, note-se que estão presentes nas estâncias do "frade" certas construções de requintado sabor clássico, como

**He força** fallar a moira!  
Disse commigo, e assi  
Andava curtas passadas  
Por não chegar; (p. 407)

Ou, pior ainda, esta insistente e exagerada repetição do pronome **qual**, com valor distributivo de **um... outro**:

Qual apresta o seo ginete,  
Qual a fita dependura  
No colo nunca domado;  
Qual a pesada armadura  
Inverga, e ahy se recolhe,  
Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha  
Toma da sua tenção,  
Qual aos pés da sua dona  
Requer-lhe extremo condão,  
Extremo volver dos olhos,  
Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome  
Por grito de accommetter,  
Que nas lidas e pelejas  
Saberá fazer valer!  
Qual sente o nojo futuro,  
Em mal, que lá vai morrer! (p. 483-84)

O que aí ficou basta de sobra para mostrar e demonstrar que a língua das *Sextilhas* não corresponde a nenhuma época concreta, sendo, antes, uma mistura incongruente de arcaico e clássico com predomínio constante do habitual discurso do poeta maranhense.

Como "ensaio filológico" merece reprovação, do mesmo modo que merece aprovação com grau dez (ou com vinte valores, em termos portugueses) a esplêndida, castiça, coerente e segura língua do autor de *Primeiros Cantos*, de *Segundos Cantos*, ou de *Novos Cantos*, ou de *Últimos Cantos*, ou de *Poesias Americanas* ou d'*Os Timbiras*, – do Gonçalves Dias proclamado grande pelo grande Alexandre Herculano.

## NOTAS

1. De fato, é muito difícil conceber que Gonçalves Dias tenha tido acesso à mais antiga lírica medieval, porque, como se sabe, a primeira publicação da Ajuda, quase confidencial (25 exemplares), é de 1823; segue-se à da Vaticana, de Caetano Lopes de Moura, Paris, 1847. Ora, em janeiro deste ano já está o poeta compondo as "Sextilhas". Logo, não se valeu da edição de Caetano. Teria podido deitar os olhos em algum exemplar da "encoberta"?

## BIBLIOGRAFIA

- \_\_\_\_\_. *Anais do Segundo Congresso das Academias de Letras do Brasil*. Rio de Janeiro, 1939.
- BANDEIRA, Manuel. *Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias*. Organização, apuração do texto, cronologia e notas por... 2 tomos. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944.
- BLOCH, O. et WARTBURG, W. von. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Française*. 2ème édition, refondue par W. von Wartburg. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- DIAS, Gonçalves, *Poesia Completa e Prosa Escolhida....* [Antônio Houaiss. O texto dos poemas.] Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1959.
- LEAL, Antônio Henriques. *Panteon Maranhense*. Vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª edição, 3 vols. Lisboa, Editorial Confluência, 1967-73.
- MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Vol III: Glossário. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *A Vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1943.
- VICENTE, Gil. *Compilaçam de totalas obras...* Lisboa, 1562. Edição facsimilada. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

\*\*\*